



Projeto Negritar: enegrecendo a nossa escola

Negritar Project: Blackening Our School

Sora Matias dos Santos¹

Vanessa de Mello Borges²

Resumo: O projeto “Negritar: enegrecendo a nossa escola” foi desenvolvido com o objetivo de promover uma educação antirracista e valorizar as identidades culturais afro-brasileiras entre estudantes do Ensino Fundamental II. No contexto escolar deste projeto, aproximadamente pouco mais da metade dos estudantes são negros, a maior parte do corpo docente é branca, o que reforça a falta de representatividade e pode limitar a construção de um ambiente escolar inclusivo. A ação se ancora nas leis e no Currículo da Cidade de São Paulo, buscando integrar de forma contínua e transversal a diversidade étnico-racial ao currículo, estimulando pensamento crítico e participação de todos os envolvidos. O projeto teve três etapas planejadas, articulando diferentes componentes curriculares. Na primeira, os alunos assistiram aos vídeos propostos, que serviram como ponto de partida para discussões guiadas por questões orientadoras sobre racismo dentro e fora da escola. A segunda etapa consistiu na confecção coletiva de lambe-lambes, cartazes artísticos e políticos elaborados por estudantes, professores e familiares durante um dia de reunião pedagógica, transformando espaços da escola em suportes de memória, resistência e pertencimento. A terceira etapa, o Sarau Negritar, não pôde ser realizada devido à limitação do calendário escolar e à baixa adesão do corpo docente, embora haja intenção de consolidá-lo como projeto permanente no PPP da escola. Os resultados parciais demonstram que os alunos foram capazes de analisar o racismo como uma estrutura histórica e institucional. A experiência reforçou a importância de ações permanentes e consistentes que garantam a presença simbólica da negritude na escola. Assim, o “Negritar” evidencia o potencial transformador de práticas pedagógicas interdisciplinares e coletivas para o desenvolvimento de uma cultura escolar antirracista, crítica e inclusiva, capaz de dialogar com identidades diversas de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Negritude, Ensino Fundamental II, Lambe-lambe.

1. Introdução

O trabalho pedagógico direcionado pela diversidade étnico-racial pode promover a valorização das identidades culturais brasileiras e desenvolver uma educação antirracista. Tais identidades precisam ser consideradas em todas as disciplinas da Educação Básica e integrar o currículo de forma permanente e contínua pois o público das escolas é plural e diverso, de forma que se não forem trabalhadas essas identidades serão apagadas pela identidade cultural

¹ Instituto Federal do Espírito Santo • São Paulo, SP — Brasil • sora.matias.santos@gmail.com

² EMEF Júlio Mesquita • São Paulo, SP — Brasil • vanessademelloborges@gmail.com



hegemônica, formada pelos sujeitos que detêm mais poder social: o branco, erudito, acadêmico etc.

A importância de assumir-se uma postura antirracista na escola está intimamente relacionada com o desenvolvimento do pensamento crítico por colocar em xeque os problemas das relações sociais que são velados ou não e que são tomados como se não existissem por quem não sofre com o racismo.

No contexto de nossa escola, discentes, docentes e outros funcionários convivem com o racismo de forma velada ou não, cotidianamente, pois ele estrutura a nossa sociedade. Embora grande parte dos estudantes sejam pretos, aparentemente pouco mais da metade, a grande maioria do corpo docente é composta por pessoas brancas. Quando pensamos na ótica da subalternidade, as pessoas pretas, sobretudo os estudantes, podem ser colocados nesse lugar, de subalternizados, pois sua fala e presença pode não ser valorizada pois, segundo Gayatri Spivak (2010), eles não podem falar não porque sejam mudos ou incapazes de linguagem, mas porque sua fala é sistematicamente intermediada, deslegitimada e silenciada pelas estruturas de poder e representação dominantes.

Dessa forma, a falta de representatividade faz com que o ambiente possa não ser suficientemente inclusivo e aberto à diversidade étnica e de raça. Segundo o item 15 do Projeto Político Pedagógico (PPP) da EMEF Júlio Mesquita, onde realizamos este projeto, o mês de novembro é considerado o mês da consciência negra e os trabalhos devem envolver professores de todas as disciplinas e, por outro lado, a Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira sem especificar o momento do ano.

Ainda no PPP, consideramos como direcionadores deste trabalho as prioridades e os objetivos educacionais descritos no item 10, relacionados com a boa convivência de todas as pessoas na escola, com o trabalho colaborativo e o respeito e abertura à diversidade humana, a saber:



- 1) Implementar / retomar o Projeto de Convivência, de forma a estabelecer o respeito e o diálogo como princípios das relações humanas na Unidade escolar, instaurando uma cultura de paz e combatendo o bullying;
- 2) Promover ações para a Educação em Direitos Humanos, contemplando o respeito à diversidade humana, considerando que os sujeitos devem ser valorizados pela sua heterogeneidade, quanto a gênero, raça, etnia, cultura, deficiência, religião, garantindo a equidade entre os educandos;
- 3) Investir num trabalho coletivo, de forma a compartilhar experiências, planejar ações conjuntas, colaborar com suas habilidades;
- 4) Aperfeiçoar o uso dos recursos tecnológicos nas práticas educativas, como potencializador do planejamento do ensino presencial e remoto;
- 5) Investir na construção de pertencimento dos alunos na escola, de forma que eles enxerguem na escola um espaço para estudar, brincar, conviver;
- 6) Propor práticas educativas que promovam o protagonismo Infante/Juvenil;

O desenvolvimento do projeto também envolverá o 4) pois a diagramação dos papéis do lambe-lambe será feita pelos estudantes sob a orientação de professores, o item 5) devido a ambientação da escola à História e Cultura Afro-Brasileira e o item 6) permeia todo o projeto.

Na composição dos currículos escolares que tornam possível concretizar este trabalho, o Currículo da Cidade de São Paulo (2017) é tomado como base por descrever os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) 10) Redução das desigualdades e 16) Paz, justiça e instituições eficazes, pois consideramos que o combate às opressões de raça é extremamente necessário para se ter um ambiente de paz e sem desigualdades, com pessoas livres e que se respeitam. Além disso, para direcionar o trabalho pedagógico, serão considerados dentro da “Matriz de Saberes” do mesmo documento o item “Empatia e Colaboração” e a “Abertura à diversidade”, que orientam o respeito, a valorização e o acolhimento das diferenças.

A articulação com a disciplina de Língua Portuguesa está relacionada com a produção textual, debate e argumentação (habilidade intrínseca à Matemática e a outras disciplinas também), bem como a produção textual do lambe-lambe, que também é uma forma de



expressão artística que desenvolve criatividade e está relacionado diretamente com a ocupação do espaço público, o que pretendemos que seja feito por meio da História e Cultura Afro-Brasileira. A Matemática nos auxiliará a pensar em quem ocupa os espaços e representar nos murais de lambe-lambe, dados estatísticos sobre a presença de pessoas pretas em universidades, em determinadas profissões, nas escolas, no sistema carcerário, na política.

Luiz de Oliveira e Vera Candau (2010) analisam as confluências entre os conceitos de pedagogia decolonial e interculturalidade crítica e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Pensar a identidade cultural na educação básica exige reconhecê-la como algo em constante construção, permeado por diferenças, encontros e disputas de sentido. A partir de suas reflexões, a decolonialidade e a interculturalidade crítica propõem que a escola vá além do simples reconhecimento da diversidade, criando condições para o diálogo entre saberes e o questionamento das hierarquias que sustentam o currículo tradicional. Nesse horizonte, a Etnomatemática, conforme formulada por Ubiratan D'Ambrosio (2001), contribui ao demonstrar que todo conhecimento está enraizado em contextos culturais específicos, revelando que as práticas matemáticas também expressam modos distintos de pensar e viver o mundo. Assim, repensar a identidade cultural no espaço escolar implica romper com visões homogêneas e eurocêntricas do saber, possibilitando que diferentes formas de conhecimento – científicas, artísticas, populares e ancestrais – convivam em pé de igualdade, fortalecendo a formação crítica e cidadã dos estudantes.

A educação antirracista no Brasil se configura como estratégia indispensável para efetivar os direitos constitucionais de igualdade racial, exigindo muito mais do que a simples inclusão formal de conteúdos sobre História e cultura afro-brasileira: é necessário que práticas escolares, formação docente e currículo sejam transformados de modo a problematizar o racismo institucional e as desigualdades raciais. A dissertação *“Educação antirracista no Brasil: uma análise da produção teórica africana e afrodiaspórica”* de Eduardo Jose Moraes Junior (USP, 2024) analisa como intelectuais africanos e da diáspora oferecem contribuições conceituais para a reconfiguração das relações étnico-raciais na educação brasileira, dialogando com a Lei 10.639/2003 e defendendo uma perspectiva que descolonize o saber escolar.



Como objetivo geral buscamos promover uma educação antirracista na escola de educação básica, por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares que valorizem as identidades culturais brasileiras e problematizem o racismo estrutural, de forma a fortalecer o pertencimento, o pensamento crítico e o respeito à diversidade étnico-racial entre estudantes e docentes.

Os objetivos específicos são: estimular a reflexão crítica sobre o racismo estrutural no cotidiano escolar e na sociedade brasileira, utilizando filmes, debates e produções artísticas (como o lambe-lambe) que abordem as lutas e contribuições da população negra para a cultura e a história do país e integrar a valorização das identidades culturais afro-brasileiras e africanas ao currículo escolar, articulando as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Lei 10.639/2003, de modo contínuo e transversal, conforme os princípios da pedagogia decolonial e da interculturalidade crítica.

2. Metodologia

O desenvolvimento das atividades foi feito com turmas do período da manhã, envolvendo os estudantes de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Foram realizadas parcerias com as professoras de Língua Portuguesa e de Matemática dessas turmas.

As atividades foram organizadas em diferentes etapas, a saber: 1) Vídeo de conscientização seguido de uma discussão com questões direcionadoras e roda de conversa; 2) Pesquisa de cartazes, escrita de frases e confecção do lambe-lambe plastificado nos murais da escola; 3) Sarau: Negritar.

2.1. Etapa 1 - Vídeos

Cada turma assistirá o vídeo de curta-metragem “Meu nome é Maalum” e o vídeo do canal de YouTube “No mundo da consciência negra”, “O racismo estrutural”. O primeiro conta o primeiro dia aula de uma menina preta chamada Maalum, que sofre preconceito em relação a seu nome e pede para não voltar mais para a escola, mas, ao ser enriquecida sobre a sua



ancestralidade com sua família consegue melhorar sua autoimagem e voltar para a escola e se enturmar e confrontar os comentários maldosos. O segundo vídeo é mais informativo e mostra uma menina e seu avô, ambos pretos, rodando pelo mundo e vendo os momentos históricos que estruturaram a racialização da sociedade brasileira nos períodos pós-escravidão. Após assistirem os vídeos, os alunos discutiram e responderam às seguintes questões:

“Meu nome é Maalum”

- 1) Do que se trata o vídeo?
- 2) Como foi a socialização da Maalum na escola? Como ela se sentiu quando os colegas riram do nome dela?
- 3) Qual a importância da intervenção da família diante dos problemas vivenciados?

“Racismo estrutural”

- 1) O que significa “estrutura”?
- 2) Quais momentos históricos apresentados estruturaram o racismo no Brasil?
- 3) É possível combater o racismo? De quais formas?

2.2. Etapa 2 - Cartazes

Os cartazes elaborados tinham o formato de sulfite A4 colorido. Planejamos desenvolver três tipos de cartazes: cartazes com símbolos das culturas afro-brasileiras, com fotos de personalidades pretas importantes da história afro-brasileira e frases, tais como palavras de ordem, com expressões antirracistas. Os dados estatísticos, apesar de terem sido explorados nas aulas, acabaram não compondo os cartazes.

O lambe-lambe é uma arte caracterizada por cartazes colados compostos por papéis finos, com possíveis sobreposições ou formação de figuras, em espaços públicos, geralmente com mensagens políticas ou poéticas. O termo surgiu por volta do século XIX, quando



fotógrafos utilizavam o termo para se referir às câmeras de retrato de rua. Entretanto, é em 1980 que o termo surge no contexto brasileiro como uma arte gráfica e política.

Lorrayne do Nascimento, George de Souza e Julianna Torezani (2017, p.3) discutem o impacto e potências dessa arte considerando que “As temáticas, formas e estilos são as mais variadas, [...] porém todos [...] estão ligados à uma visão política, pois as artes de rua possuem um pressuposto de ocupação dos espaços urbanos das cidades”.

2.3. Etapa 3 - Sarau Negritar

Embora esta seja a única etapa que não ocorreu, a proposta do Sarau Negritar tem como objetivo valorizar a produção artística de pessoas pretas, pretas e pretes brasileiras, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural e étnica e a reflexão sobre o papel da arte na luta antirracista. O evento pode acontecer em um sábado letivo pela manhã, utilizando o palco do pátio da escola como espaço central de apresentações. A programação pode incluir declamações de poesias de autores como Conceição Evaristo, Sérgio Vaz e Lázaro Ramos, apresentações musicais com repertório de artistas como Liniker, Majur, Elza Soares e Emicida, além de pequenas encenações teatrais de Teatro do Oprimido que abordem a pluralidade da identidade negra. Os estudantes, organizados em grupos por turma, poderão escolher um artista ou obra para estudar, reproduzir e apresentar, valorizando a pesquisa, o trabalho coletivo e a expressão criativa.

Antes do evento, os professores das diferentes disciplinas podem orientar as turmas em oficinas de pesquisa de autores, leitura, expressão corporal ou canto, de modo a preparar as apresentações. Durante o sarau, é importante criar um ambiente acolhedor e participativo, em que toda a comunidade escolar possa interagir — com momentos de microfone aberto, exposição de lambe-lambes produzidos pelos estudantes e um mural coletivo com frases e imagens de figuras negras inspiradoras. O sarau, além de fortalecer a autoestima dos estudantes e promover uma educação antirracista de maneira artística, também pode se tornar um projeto permanente da escola, reafirmando a importância da arte como ferramenta de resistência, empatia e construção de uma cultura escolar antirracista.



3 Resultados Parciais

O projeto “Negritar: enegrecendo a nossa escola” consolidou-se como uma experiência significativa de formação crítica e valorização das identidades negras no contexto escolar. Em sua primeira etapa, os estudantes assistiram ao vídeo “Meu nome é Maalum” e ao vídeo “O racismo estrutural”, do canal No Mundo da Consciência Negra, que serviram como ponto de partida para discussões guiadas por questões norteadoras sobre identidade, racismo e desigualdade social. As reflexões produzidas neste momento revelaram a capacidade dos alunos de analisar o racismo como uma estrutura histórica e institucional, e não apenas como atitudes individuais, demonstrando sensibilidade para reconhecer como essas relações de poder atravessam o cotidiano escolar e suas próprias experiências de vida.

Na segunda etapa, a proposta coletiva de confecção dos lambe-lambes possibilitou a expressão artística e política da comunidade escolar — professores, estudantes e familiares — em um encontro aberto realizado durante a reunião pedagógica. As produções visuais transformaram os corredores das salas de aula em suportes de memória e resistência, afirmando mensagens de orgulho, pertencimento e luta contra o racismo. Embora a terceira etapa, o Sarau Negritar, não tenha sido concretizada por falta de tempo no calendário e pela adesão limitada de parte da equipe escolar, o conjunto da experiência evidenciou o potencial transformador do projeto. Há o desejo coletivo de institucionalizar o “Negritar” como uma ação permanente, integrando-o ao Projeto Político Pedagógico e à cultura escolar, de modo a fortalecer práticas contínuas de valorização da diversidade e combate às desigualdades raciais.

Contudo, consideramos que a importância desse tipo de trabalho se dá não apenas pelo impacto aos estudantes, pois estes muitas vezes demonstraram ter maior domínio sobre as discussões das pautas raciais do que outros educadores da escola, mas pelo impacto em toda a comunidade escolar, mostrando que a negritude deve estar presente simbolicamente ali pois cerca de metade dos estudantes da nossa escola são negros, enquanto a maioria dos educadores são brancos. Então para que haja o compromisso pedagógico constante com a luta antirracista são necessárias ações consistentes e permanentes que dialoguem com a identidade escolar que nos pertence.



Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAES JUNIOR, Eduardo Jose. Educação antirracista no Brasil: uma análise da produção teórica africana e afrodiaspórica. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-20052024-141147/>. Acesso em: 13 out. 2025.

NASCIMENTO, Lorryne Barbara Ferreira do; SOUZA, George André Pereira de; TOREZANI, Julianna Nascimento. Lambe-lambe: a arte da intervenção urbana. In: INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Anais do Congresso Intercom Nordeste 2017: resumos, Recife, 2017. 15 p.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e interculturalidade: as tensões entre o reconhecimento e a redistribuição. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 471-490, set./dez. 2010.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal da Educação. Currículo da cidade, ensino fundamental: componente curricular Matemática. São Paulo, 2017. 128p.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.